

EFEITOS DE SENTIDO: TENTATIVA DE CONTENÇÃO E DESLIZAMENTO

Dulce Beatriz Mendes Lassen*

Comunicação apresentada no III Colóquio do PPG-Letras/UFRGS.

RESUMO: Este texto, fundamentado sob a perspectiva da Análise do Discurso, que tem como seu principal articulador o filósofo francês Michel Pêcheux, analisa uma fotografia publicada no site do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil), cuja imagem é de uma criança vestida com símbolos de movimentos sociais do campo. São desenvolvidas considerações a partir das noções de formação discursiva e sentido com o objetivo de observar diferentes efeitos de sentido possíveis de serem produzidos a partir da mesma materialidade discursiva, dependendo da posição sustentada por aqueles que a empregarem/lerem em determinadas condições de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso – texto imagético – efeitos de sentido

ABSTRACT: Based on a perspective of Discourse Analysis, which is mainly articulated by the French philosopher Michel Pêcheux, this text aims to analyze a photography published on the website of Peasant Women Movement (PWM Brazil), what image is a child dressed with social movements' symbols of the countryside. The considerations are developed by the notions of discursive formation and meaning, having as aim, to observe the different meaning effects possible to be produced through the same discursive materiality, depending of the position held by those who used/read them in determined production' conditions.

KEYWORDS: Discourse Analysis – Image Text – Meaning Effects

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste texto, temos o objetivo de discutir a possibilidade de diferentes efeitos de sentido a partir de uma mesma materialidade discursiva. Para isso, realizamos, sob a fundamentação da teoria de Análise do Discurso (AD), cujo principal fundador é Michel Pêcheux, a análise de uma imagem postada no *site*¹ do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil). A materialidade imagética em questão, considerada a partir de agora como uma sequência discursiva (sd), é a fotografia de uma criança, tirada por ocasião das manifestações realizadas pelos movimentos sociais do campo na semana do Dia Internacional da Mulher, no ano 2010.

Em AD, compreende-se que uma mesma materialidade discursiva pode desencadear diferentes efeitos de sentidos dependendo da formação discursiva (FD) em que a mesma for produzida ou lida. Portanto, a partir da *sd* em análise podem emergir

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dbeatryz@gmail.com.

¹ Endereço eletrônico: www.mmcbrazil.com.br.

efeitos de sentido, ora pertencentes às formações discursivas que abrigam os discursos dos movimentos sociais, ora aos discursos inscritos em formações discursivas opostas ou questionadoras dos enunciados próprios a esses movimentos. Desse modo, para o desenvolvimento desta reflexão, elegemos como norteadoras, as noções de *formação discursiva* (FD) e de *sentido*. Passemos, pois, à discussão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No âmbito da Análise do Discurso, o sujeito é concebido como um lugar determinado na estrutura de uma formação social, e não um indivíduo localizável empiricamente. Como postulam Althusser (1996) e Pêcheux (1988), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, sendo que é via imaginário que o mesmo se relaciona com a realidade. Entretanto, essa relação não se dá de maneira direta. Ela é mediada pela linguagem, que é compreendida como prática simbólica. Explicitemos: o sujeito "submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história" (ORLANDI, 2001, p. 100). Ou seja, o sujeito se submete à língua(gem) para poder significar e significar-se, pois "não se pode dizer ser não afetado pelo simbólico, pelo sistema significante" (Id., p. 100). Não se pode ser sujeito sem submeter-se ao simbólico. O sujeito, assim compreendido, inscreve-se em uma formação discursiva para poder dizer, para que suas palavras façam sentido.

Essas considerações sobre o sujeito recaem fundamentalmente na maneira como, em Análise do Discurso, compreendemos a noção de sentido. Segundo Pêcheux (1988, p. 261), "a produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é 'produzido como causa de si' na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso". Assim, identificado com uma posição no interior de uma formação discursiva, o sujeito tem, sob o trabalho da forma-sujeito, dissimulada a dependência ao já-dito, de modo que o efeito de sentido sempre aparece como uma evidência, bem como para o sujeito há um outro efeito, o de que a evidência de origem é absoluta. Embora essas sejam ilusões necessárias, o sujeito não é origem, nem o sentido está posto *a priori*.

O sentido aparece como uma evidência, mas não está dado, pois seu caráter material consiste na sua dependência ao todo complexo das formações ideológicas (FI). Abrindo um parêntese, as FIs são a instância concreta da materialidade ideológica e comportam uma ou várias formações discursivas interligadas. A formação discursiva, por sua vez, materializa em linguagem a instância ideológica e determina, pelo trabalho de regulação exercido pela forma-sujeito, o que pode e o que não pode ser dito, o que convém ou não convém dizer, conforme Courtine ([1981] 2009) e Indursky (1997).

O sujeito vai identificar-se à FD por meio de posições-sujeito, e, a partir daí, terá seu gesto de interpretação em uma direção e não em outra. Desse modo, sujeitos identificados com posições-sujeito inscritas em FDs diferentes, produzirão sentidos diferentes ou divergentes para um mesmo texto. Dito de outra maneira: os gestos de

interpretação serão diferentes dependendo da FD em que os sujeitos se inscrevem, pois um efeito de sentido não pré-existe à formação discursiva.

Conforme aponta Pêcheux (1988, p. 160), "o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)". Aqui fazemos a seguinte passagem: uma imagem também não tem um sentido único, literal e transparente. Neste trabalho, estamos considerando a imagem como um texto, materialidade pelo qual temos acesso ao discurso. De acordo com Indursky, o texto é "uma unidade de análise, afetada pelas condições de sua produção, a partir da qual se estabelecerá a prática da leitura" (2001, p. 28).

Para Indursky, o texto é um espaço simbólico, não fechado em si mesmo, e não pode ser pensado como uma entidade homogênea, pois diferentes textos, diferentes discursos e diferentes subjetividades se fazem ouvir. Ainda de acordo com a autora, um texto com essas características é produzido por um sujeito interpelado ideologicamente e identificado com uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva, que exerce a função enunciativa de autor. Esse sujeito-autor mobilizará diferentes recortes textuais relacionados a diferentes redes discursivas e estabelecerá uma trama entre esses recortes, dando aos mesmos um efeito de homogeneidade. Esse trabalho de textualização dá à dispersão de recortes um efeito de homogeneidade, construindo assim, um efeito-texto.

Parece-nos que há uma relação diferente no trabalho de urdidura de um texto de base linguística e um texto imagético, especialmente se tratando da fotografia. Não faremos considerações maiores sobre a relação autor/imagem, pois interessa, neste trabalho, compreender a prática da leitura frente a esse efeito-texto. Ou seja, queremos desconstruir essa materialidade dotada da ilusão de completude e transparência, para observar gestos de interpretação possíveis.

Destacamos que frente a qualquer objeto simbólico encontramos a necessidade de produzir sentido. Há, como afirma Orlandi (2007), uma injunção à interpretação. É nosso intento desnaturalizar evidências e expor os efeitos de sentido, situando, assim, gestos de interpretação dos sujeitos. Ou ainda, de acordo com Pêcheux (1998), expor o olhar-leitor à opacidade do texto.

O gesto de interpretação faz da leitura um ato simbólico de intervenção no mundo, uma prática discursiva (ORLANDI, 2007, p. 84), pois o mesmo "decide a direção dos sentidos" (id., p. 22).

Temos sempre em vista que diferentes materialidades podem significar diferente, ou melhor, materialidades linguísticas ou imagéticas apresentam cada uma sua especificidade. E acrescentemos, conforme explica Orlandi (id., p. 14), "qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação". Tal modificação diz respeito à importância de cada elemento da materialidade discursiva.

Trouxemos as considerações a respeito do sujeito-autor para melhor entendermos a citação de que as palavras podem significar diferente, dependendo da posição sustentada por aqueles que as empregam. Não estamos tratando do emprego de

palavras ou expressões, mas da mobilização de uma imagem que pode significar diferente dependendo da posição ocupada pelo sujeito que a mobilizar ou se deparar com ela. É, pois, do ponto de vista do leitor que procederemos nossa análise.

O sujeito-leitor vai ocupar uma posição-sujeito a partir da qual produzirá sua leitura. Diante do espaço discursivo simbolicamente fechado, vai promover a desconstrução do efeito-texto, desestabilizando a superfície textual, de tal modo que lacunas aí se instauram, como consequência disso, aqueles sentidos que pareciam tão estabilizados, tão evidentes, tão consistentes já são passíveis de tornarem outros (INDURSKY, 2001).

O texto, então, pode ser objeto de várias leituras, mas não pode ser qualquer uma. Orlandi nos indica que "nas diferentes direções significativas que um texto pode tomar há, no entanto, um regime de necessidade, que ele obedece" (2007, p. 14). Ou seja, os sentidos não podem ir em qualquer direção e isso advém de sua relação com a exterioridade. É de nosso interesse observar a relação da sequência discursiva que será analisada com sua exterioridade, ou, especificamente, sua relação com a formação discursiva e a memória.

Para Orlandi (1993), a compreensão do que é efeito de sentidos, remete à compreensão da necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. Segundo a autora, "é da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições-sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos, mas se produzem com eles" (id., p. 21).

A partir disso, podemos compreender que os diferentes efeitos de sentido se constituem na relação que se estabelece entre as formações discursivas. Ainda podemos acrescentar que "o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra (logo é o mesmo limite de outra)" (id. p. 21). Essas considerações recaem sobre a afirmação de que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o 'outro' sentido que ela não significa (id.).

Antes de avançarmos, cabe observar que o estudo da heterogeneidade, de acordo com Indursky (2001, p. 28), "permite apreender tanto o contato entre formações discursivas diferentes [...] estabelecendo relações de confronto, de aliança, de exclusão, quanto o contato entre posições-sujeito, inscritas na mesma formação discursiva, mas igualmente diversas".

A afirmação de que a "formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o 'outro' sentido que ela não significa" constitui-se em um outro ponto bastante significativo neste trabalho. Nosso interesse é também observar o outro sentido, aquele que pode ser possível em outra FD, ou até mesmo, no interior de uma mesma FD, por meio de diferentes posições-sujeito ou por meio de um deslizamento, já que, em AD, a possibilidade da falha é constitutiva.

A apreensão do sentido outro requer a mobilização da categoria da memória discursiva. Para Courtine (2009, p. 103), "toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – faz circular – formulações

anteriores, já enunciadas". Ou seja, toda a produção de um discurso, em determinada conjuntura sócio-histórica, põe em movimento enunciados anteriores, outras formulações, que foram produzidas em outras conjunturas sob outras condições. Essas formulações irrompem/retornam como memória na atualidade dessa produção.

Ao retornarem como memória, formulações anteriores sustentam aquilo que pode e deve ser dito, mas também fazem emergir o sentido 'outro', aquilo que não pode ser significado no interior de uma FD. Pêcheux (2007) afirmou que a "regularização" discursiva que tende a formar a condição do legível é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória. O autor está fazendo referência ao acontecimento discursivo², não é o caso de nossa análise, mas suas considerações nos permitem salientar que embora a produção de sentido seja parte da interpelação do indivíduo em sujeito e da identificação deste a determinada FD, a identificação não é plena, e comporta falhas.

No caso de nosso texto, a memória discursiva, ao se apresentar como a condição do legível, está estabilizada por uma série de repetições e regularizações de discursos próprios às práticas dos movimentos sociais em destaque. Porém, pode vir a sofrer uma desestabilização, devido ao atravessamento de formulações divergentes. Isso, então, poderá levar à movimentação de efeitos de sentido, que, conseqüentemente, entrarão em deriva, permitindo que se linearizem no fio do discurso, lapsos, atos falhos, equívocos etc. Essa deriva é, em AD, constitutiva do sujeito e da língua(gem), e, pode configurar-se em deslizamentos de sentido.

Os deslizamentos de sentido permitem observar os atravessamentos de outras posições, de outros discursos, de outras formações discursivas. Os sentidos, tão plenamente assentados e tão estabilizados, pelo viés da memória discursiva, emergem no eixo intradiscursivo, e, no encontro da história e com a atualidade, poderão "escorrer", ir para outro lado, promovendo rupturas.

Postas essas considerações sobre a produção de sentido, passemos, então, à análise da sequência discursiva.

ANÁLISE

Diante de nosso olhar teórico, a imagem fotográfica passa, portanto, a ser considerada uma unidade de análise afetada por determinadas condições de produção. Importa, pois, a sua materialidade discursiva. A partir disso, nossa discussão procurará responder aos objetivos elencados durante a fundamentação teórica, especialmente, na direção de compreender os atravessamentos discursivos que materializam relações

² Um acontecimento discursivo provoca uma ruptura com as redes de memória já estabilizadas, e é capaz de instaurar uma nova formação discursiva. Conforme Indursky (2003, p. 106), "o acontecimento discursivo rompe com a ordem do repetível, instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o "esquecimento" do sentido outro que o precede". A mesma autora, em outro texto (2008, p. 21), explica que se trata de uma movimentação, uma deriva muito intensa dos sentidos em decorrência da qual se dá o surgimento de um novo domínio de saber.

sociais divergentes. Passemos, então, à discussão dessas questões tendo em vista a sequência discursiva a seguir:



Símbolo da força e da esperança

A imagem da fotografia mostra uma criança de cabelos compridos, sendo que não é possível distinguir se é menino ou menina. Ela está vestida com símbolos do MMC e também do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os símbolos são um lenço lilás, e uma camiseta e uma bandeira vermelhas. A criança também segura uma foice. Há para a imagem uma legenda - "símbolo da força e da esperança"³ – que integra a sequência discursiva e também faz parte da análise.

DISCUSSÃO: PRIMEIRO MOMENTO

Primeiramente, faremos uma breve consideração a respeito das cores vermelho e lilás. Estas se afastaram em momentos da história, especialmente, quando o movimento feminista escolheu a cor lilás como símbolo e distanciou-se da cor vermelha, pois esta lembrava muito as bandeiras das mulheres da Internacional e dos Partidos Comunistas do Bloco Soviético. Na imagem, as cores aparecem juntas, atualizando outras lutas, em

³ Imagem disponível no endereço: <http://www.mmcbrasil.com.br/8marco/galeria/marian02.jpg>. Acesso em 12/03/2011.

outras condições de produção, mas não apagam a marca das lutas feminista e comunista, pelo contrário, (re)atualizam sentidos assentados na memória discursiva, especialmente, com relação à luta de classes.

Os movimentos sociais do campo fazem parte de um dos grupos que polarizam a luta de classes e que instituem lutas pela conquista da terra para quem não a tenha e quer produzir, ou pela manutenção da posse da terra para os que dela já são "donos". E as cores, antes afastadas, agora, sem apagar a historicidade, estão juntas aproximando um movimento de mulheres, autointitulado feminista, e um movimento de luta pela terra de bases teóricas marcadas por autores e executores do comunismo. A união das cores reatualiza a busca por transformações na sociedade, a distribuição do poder e coletivização dos meios de produção agrícolas. Isso é um exemplo de como os sentidos não se fecham, estão sempre em curso, pois um efeito de sentido que não é possível de ser produzido em determinadas condições, poderá ser possível em outras.

DISCUSSÃO: SEGUNDO MOMENTO

Continuando nossa discussão, metodologicamente, distinguimos duas FDs, que coexistem pela diferença, mas que não são antagônicas: a FD que abriga do discurso do MST (FD do MST), e a FD que abriga o discurso do MMC (FD do MMC). O sujeito estando identificado com os saberes dessas formações discursivas terá a produção dos sentidos em determinada direção. No interior desses domínios de saber o 'ser-criança' funciona como um símbolo de futuro, daquilo que virá a ser. A foice é um instrumento de trabalho, utilizado por agricultores e trabalhadores do campo para cortar as ervas daninhas da terra, mas, na imagem, pela determinação das FDs, lhe é atribuído o sentido da luta pela terra. O mesmo acontece com o lenço lilás e o pano vermelho que cobre o corpo da criança. Eles são ícones representativos das lutas dos movimentos camponeses e significam de acordo com a posição por eles sustentada.

Essa descrição da imagem nos permite mobilizar pelo menos dois efeitos de sentido possíveis dentre outros. De um lado, a criança significa como uma heroína ou um herói. Tem capa, tem máscara e tem arma. Não é um Homem-Aranha, embora seja vermelho, é um herói-camponês, que usa uma máscara, uma capa e empunha uma foice que, antes de tudo, representam o seu lugar social. De outro lado, o lenço cobrindo o rosto marca o lugar de silêncio a que estão submetidos os representantes desses movimentos sociais. Cobrir o rosto é um gesto que materializa simbolicamente o som que não lhes é permitido na formação social capitalista, pois eles representam uma parcela da população que não tem voz, que não tem vez.

Esses símbolos, em nosso entender, contribuem para constituição de um efeito-sujeito, ou seja, constitui-se uma unidade imaginária de herói, que institui uma identidade para o sujeito que vai enunciar a partir dessas formações discursivas.

DISCUSSÃO: TERCEIRO MOMENTO

Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 40, junho de 2010. p. 73-82.

No entanto, os efeitos de sentido citados são passíveis de questionamentos por sujeitos inscritos em FDs antagônicas ou divergentes. Pois, como afirma Orlandi (2007, p. 9), "os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser. Além disso, eles jogam com a ausência, com os sentidos do não-sentido".

É pela categoria da memória discursiva, explicitada por Pêcheux como "aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados, discursos transversos etc.)" (PÊCHEUX, 2007, p. 52) que conseguimos recuperar discursos-outros de que a leitura/análise desta *sd* necessita.

Em uma formação discursiva de oposição aos movimentos sociais, uma FD do capitalismo e do agronegócio, por exemplo, a imagem da foice, já não significa somente um instrumento de trabalho. Este objeto físico, ao aparecer na mão de um representante de movimento social, sofre a determinação de FDs antagônicas (à FD do MST e à FD do MMC), e permite que sejam mobilizados discursos da ordem da violência, e, portanto, a foice poderá significar arma, e, conseqüentemente, crime, mortes.

Da mesma maneira, a imagem do lenço também é passível de questionamento, na medida em que, ao ser usado para esconder o rosto, permite a emergência de sentidos da ordem do já-sabido: quem esconde o rosto cometeu algum ato ilícito, e não quer ser reconhecido para não ser punido. É, portanto, significado em uma FD antagônica como um fora da lei.

A bandeira vermelha que cobre o corpo da criança nos faz resgatar, mais uma vez, o acontecimento histórico do comunismo⁴. Entretanto, diferentemente, na FD do capitalismo e do agronegócio, os efeitos de sentido que podem ser mobilizados/atualizados são da ordem do perigo⁵, da ditadura, da repressão, da censura, dos campos de trabalhos forçados, do sofrimento, da fome e da morte.

As imagens da foice, do lenço e da criança, permitem observarmos ainda um outro efeito de sentido possível, em uma outra FD. Pelo viés da memória discursiva resgatamos que a imagem da criança pode rememorar um cortador de cana-de-açúcar, conhecido popularmente como boia-fria. Assim, se fossemos para uma FD jurídica encontraríamos uma posição que defende os direitos das crianças e dos adolescentes e que julgaria os pais como exploradores do trabalho infantil.

Esses efeitos de sentido não podem ou devem pertencer ao discurso do MMC e do MST, pois questionam a evidência de que há um herói, um símbolo de futuro, deslizando para a violência, o fora da lei, o perigo do comunismo e a exploração do trabalho infantil. Esses efeitos de sentido são interditados nas FDs do MST e do MMC. No entanto, essa interdição não é plena, pois os sentidos se movem e podem se

⁴ Não fizemos distinção entre os períodos do regime comunista, embora saibamos que talvez, tenha sido no período em que Stálin esteve no poder que ocorreram as maiores contradições do regime. São as formulações dessa conjuntura que ressoam em todo o regime generalizando os efeitos de sentido de perigo.

⁵ Contribuição da professora Maria Cristina Leandro Ferreira, por ocasião da apresentação deste trabalho no III Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS.

desdobrar em outros, se repetem, mas também podem se deslocar. Assim, o que não deve ser dito, emerge no fio do discurso e coloca posições divergentes em confronto.

DISCUSSÃO: QUARTO MOMENTO

Até agora, mostramos como diferentes interpretações são possíveis para o mesmo texto, a partir de posições-sujeito inscritas em FDs distintas. Entretanto, podemos observar ainda a incompletude⁶ de todo discurso que, nesta imagem, está materialmente marcada. Essa incompletude se dá no interior mesmo das formações discursivas do MST e MMC.

Na tentativa de contenção dos sentidos, formulou-se a legenda "símbolo da força e da esperança", que exaltaria a perspectiva de vida de uma criança. Orlandi, na referência aos seus estudos sobre as notas de rodapé, explica que as mesmas funcionam "como um aparato de controle, de administração da polissemia, do governo da historicidade" (2007, p. 13). Deslocando essas considerações para a análise da legenda podemos observar que há um funcionamento muito parecido com aquele explicitado pela autora. A legenda é a tentativa inútil de completar o que não se completa. Funciona como uma *cicatriz*, "o traço do outro sentido, a marca inexorável da incompletude, de sentidos postos em silêncio" (id., p. 17).

Há, apesar da tentativa de contenção pela legenda, deslizamento de sentidos quando, no segundo plano, a sombra projetada da criança nos conduz a resgatar a imagem simbólica da morte. No espaço possível de falha, a imagem da "morte" emerge como um *não-dito*, produzindo o efeito de sentido de que a criança pode, pela luta que representa, não ter esperança de futuro. A sombra faz transbordar os sentidos, aparentemente contidos, represados na tentativa de construir uma imagem de esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desta imagem possibilitou observar diferentes FDs postas em relação pela leitura, por exemplo, a FD do MST e a FD do MMC, em que a criança significa como um herói, a FD do capital e do agronegócio, na qual os sentidos que emergem são da ordem da violência, dos foras da lei, do perigo do comunismo e a FD que considera os pais da criança exploradores do trabalho infantil.

Notamos também que, na relação de uma FD com outras FDs, por meio da invasão, atravessamento e deslocamento, suas fronteiras são constitutivamente invadidas por elementos que vêm de outro lugar, o que, portanto, pode levar a outros efeitos de sentido. Conforme Orlandi (1993, p. 21-22), "falar em 'efeitos de sentido' é, pois, aceitar que se está sempre em jogo, na relação das diferentes formações

⁶ A incompletude, em AD, não é pensada em relação ao que (não) seria inteiro, mas em relação ao que não se fecha.

discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a necessidade do equívoco, do sem-sentido, do sentido 'outro' e, conseqüentemente, do investimento em 'um' sentido".

Por fim, entendemos que no interior de uma mesma formação discursiva, podem conviver formulações divergentes, que embora estejam sob a tentativa de contenção, não cessam de escapar. Isso pode ser observado a partir da análise do deslizamento de sentido materializado pela imagem da sombra e pelo uso da legenda que deu nome à fotografia.

Essa desestabilização dos sentidos e desestruturação da aparência de homogeneidade, sob o ponto de vista da AD, permite-nos afirmar que, a partir da mesma materialidade discursiva, cruzam-se e se afastam diferentes processos de identificação.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ŽIŽEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* [1981]. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. In: *Organon - Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Discurso, língua e memória*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-122, 2003.
- _____. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Bornéo Susana (org.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.
- _____. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: leitura, autoria e efeitos do trabalho simbólico*. 5ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- _____. Do sujeito na História e no Simbólico. In: *Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al]. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- _____. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, n.1, nov. 1998.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Tradução de Eni P. Orlandi [et. al.] Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.